

CRÓNICAS DE DINA SALÚSTIO

Filho és, pai serás

Lembro-me que a minha mãe utilizou na nossa educação, além de uma varinha de marmelo de que fazia uso frequente, embora sem muita energia, diga-se uma série de provérbios ditos em português, que no contexto quotidiano crioulo, adquiriam um peso e um estatuto que nos amedrontavam.

Depois de solenemente mastigados o provérbio, não havia nem mais um olhar, nem mais um grito ou gesto: apenas nas costas altivas da minha mãe, orgulhosa, penso, por nos ter arrumado com a sentença suprema.

... Pois o primeiro Domingo de Maio já ia no final quando o telefone tocou e era a minha mãe dando-me os parabéns. A sua voz era bastante irónica e eu, ligeiramente confusa, olhei para o calendário, perguntando-me se teria esquecido o seu aniversário. Respirei de alívio ao constatar que seis de Maio seria no dia seguinte e indaguei-lhe do motivo de tamanhos parabéns, ao que, num tom agora contundente, porque ela tem um geniozinho terrível, foi avançando que era o dia das mães e que, logicamente, eu teria sabido pela rádio ou televisão. Consegui convencê-la da inexistência desse tipo de ligações minhas com o exterior aos fins de semana e, entre beijinhos e abraços atrasados, obtive o perdão, não sem, antes de despedir, me lembrar um dos seus ditados preferidos: “Filho és, assim como fizeres, assim acharás” e ao qual me ligou sempre um certo mal estar. Mal desligou, o meu codê¹ telefonou dando-me os parabéns e dizendo uma série de mimos que geralmente precedem um pedido sejam do que for, normalmente de outras ternuras, mas desligou sem mesmo perguntar por um dinheirinho extra e isso aumentou a minha culpa por não me ter lembrado de telefonar para minha mãe, criticando-me por um apego desmesurado a princípios que às vezes me impedem de fazer certos agrados a determinadas pessoas que merecem toda a espécie de cedências minhas.

Eu precisava de uma vingança urgente e liguei para outro filho e, sem a diplomacia da minha velhota, iniciei logo um discurso em que entravam a ingratidão e coisas parecidas,

¹último filho

sem lhe dar hipóteses de defesa, por não me ter dado os parabéns, num dia tão importante para a raça humana e não só se calhar. Perdi o latim e o crioulo, porque esperto como me saiu, foi logo dizendo que, para ele, todos os dias são o dia da mãe e recorrendo a uma análise relâmpago das sociedades de consumo dos seus truques, falou da artificialidade dessas datas que obrigam o cidadão incauto à compra de mais prendas, mais flores, mais missas, mais postais, mais impulsos telefónicos...

Ao dar-me conta que estava pendurada ao telefone e sentindo-me uma perfeita idiota, mas querendo ter a última palavra, disse-lhe o que nunca me ocorreram antes: “Filho és, pais serás, assim como fizeres, assim acharás,” e desliguei não sem uma pontinha de remorso, devo confessar.

Meia hora depois ele telefonou: - mãe, estou confuso. Aquelas coisas todas que falaste sobre o dia das mães, era a sério?

Conhecia-me bem e as nossas gargalhadas se juntaram, quando lhe contei do chá que a avó me havia passado, um pouco antes.

Ao desligar, pediu-me: por favor, não voltes a dizer aquela do “Filho és, pai serás.” É que me sabe à praga.

A mesma sensação que eu sentia em criança, reconheci pensando em coisas como filho, educação, famílias. E na minha mãe.

Dina Salústio, “Filho és, pai serás” in *Mornas eram as noites*, Instituto da Biblioteca Nacional – Direção do Livro – Praia, 2002, pp.19-20

Para Quando Crianças de Junho a Junho?

Ainda era Junho e nos ouvidos ainda o eco das canções das crianças de Junho.

Ainda era dia e no ar os restos do sol que escoava no tempo.

Na rua estreita da escola e no adro da igreja, um esvoaçar alegre de batas azuis. Últimas brincadeiras antes do regresso à casa. Sorrisos cúmplices. Lembranças de piadas e gracinhas vividas.

De repente, uma rua larga, agora estreitada pela violência que transborda e agride os caminhantes. Uma dúzia. Talvez menos de uma dúzia de rapazes da quarta, que deviam ser crianças e que se haviam transformado em feras, perseguindo e atacando um doente mental. Livros e pastas esquecidos na valeta. Nas mãos, pedras. Nos gestos, ódio. Olhares frios. O homem no meio, indefeso, confuso, louco, impotente, cada vez mais agitado pelos uivos dos estudantes que nunca deveriam lançar outros sons que os da alegria e da esperança. Raiva nos adultos que humilhados fogem às pedras. Excitação nos algozes que procuram derrubar a vítima. Uma pedrada no estômago e ela agacha-se, tentando proteger com gestos gratuitos e desordenados a cabeça desgrenhada e velha. Mais pedradas. Mais gritos. Mais lamentos. Um carro passa. Na confusão, a figura suja e esfarrapada, de gatas, alcança uma porta onde se esconde, animal acossado.

Livros e cadernos abandonados.

Sem a vítima, os estudantes interrompem a brincadeira. Regresso à calma exterior.

Nos olhos do chefe do bando, uma indiferença cruel. Que magoa. “...Se fosse meu pai, eu não teria pena... Se ele morresse, problema dele...Se eu gosto do meu pai? Se você o vir pergunte-lhe se ele gosta de mim, ou...se...se me conhece”.

Nas últimas palavras, um soluço abandonado. Silêncio no grupo. Pedras que caem nas mãos. Bando que se desfaz.

E quando o miúdo chefe se mexe e retoma o caminho para a casa, arrastando os pés, não há crueldade nos seus olhos. Apenas uma criança amarga que havia parido prematuramente um homem. Desencantado.

O meu pensamento vagueia em ondas interrogativas. Doentes abandonados. Crianças impiedosas. Pais desconhecidos. Filhos sem amor. Até quando? Para quando crianças de Junho a Junho?

Retomo o caminho interrompido. Não sei quanto tempo tinha decorrido. Que relógio é capaz de medir o tempo da violência? Em mim, era noite. Tristemente noite. Uma folha de papel dança com a brisa. Ou tempestade?

Uma pedra chutada com raiva. Às vezes a dor acalma a impotência.

Dina Salústio, “Para Quando Criança de Junho a Junho” in *Mornas eram as noites*, Instituto da Biblioteca Nacional – Direção do Livro – Praia, 2002, pp.23-24

Forçadamente mulher, forçosamente mãe

Em Setembro fará calor. Para Setembro Paula terá seu filho. Ainda há dias ela ria e dançava pelos cantos. E juntava conchinhas cor-de-rosa na praia. E colecionava sonhos. Que é das conchinhas? Que é dos sonhos? Hoje carrega penosamente uma barriga enorme. Sozinha

E as ilusões vão-se perdendo nos vômitos da gravidez.

Aos dezasseis anos não se devia ter filhos. A natureza não soube fazer contas. Aos dezasseis anos não se devia carregar culpas. Nem vergonhas.

Paula perdeu o olhar meigo e livre de adolescente. Agora apenas um rostinho triste e resignado que de longe em longe se abre, quando gargalhadas de meninas como ela despertam o resto de menina que ainda existe.

E chora às escondidas. E faz contas à vida e às luas.

Queria vê-la com raiva. Revoltada. Decidida. Mas, por Deus, aos dezasseis anos quem pode ter essa força toda? Quem pode estar tão armado?

Queria que ela e todas elas se juntassem e calassem para sempre os latidos daqueles que perseguem manhosamente as nossas meninas na quietude das noites. Com o seu ódio. E que os desfizessem com as suas mãos de mães abandonadas. E os afogassem impiedosamente nas lágrimas de todas as crianças traídas. E esfomeadas.

Mas Paula chora às escondidas. E tem esperança. Ainda. Porque a esperança dos dezasseis anos é a última coisa a deixar-se ir. Mas secará com o primeiro leite do primeiro filho. Secará como os sonhos da adolescente forçadamente mulher. Forçosamente mãe. Para Setembro haverá calor.

Dina Salústio, “Forçadamente mulher, forçosamente mãe” in *Mornas eram as noites*, Instituto da Biblioteca Nacional – Direção do Livro – Praia, 2002, pp.35-36

Sem idade sem verdade

Encontrei-te por acaso. Sorrindo, disseste-me que a vida era bela. Não te perguntei a idade. Para quê? Tu eras verão e tinhas nos olhos a madrugada. Nos gestos, a infância do louco que, montado num pássaro, desafia as nuvens. Cheiravas a rosa abrindo-se na moleza do sol e tinhas a macieza da terra bebendo o orvalho das manhãzinhas. Trazias inteira a doçura do mar no corpo de um bote ao sol poente e o teu sorriso era a beleza de um instante belo.

Como dizer ao verão que o inverno acontece frio e triste? Como dizer à madrugada que ela é mentira, que é dia, quando a letra vence, e é noite, quando as dores aumentam? Como avisar o louco que por baixo das nuvens o abismo corre cada vez mais rápido, cada vez mais fundo? Conseguiria dizer à rosa que logo haverá missa pelas almas com terços e flores? Conseguiria? Como dizer à terra que o orvalho não basta e que a estiagem fere, racha até sangrar? Como? Poderia dizer a um instante que o dia tem muitas horas, muitos meses, muitos séculos? Como dizer ao mar, ao barco e ao sol poente que o ciclone anunciado vem aí? Como?

Olhei para ti e nem me perguntaste porque de repente ficara tão triste. E deixei-te ir. Leve. Suave. Feliz. Sem idade. Sem verdade.

Dina Salústio, “Sem idade sem verdade” in *Mornas eram as noites*, Instituto da Biblioteca Nacional – Direção do Livro – Praia, 2002, p. 37

Tabus em Saldo

Se tivesse nascido macho era um rapaz, mas como nasceu fêmea é mulher. As fêmeas são sempre mulheres. Mas mesmo mulheres, elas são de todas nós. Para serem protegidas. No entanto, já que têm tudo para serem motivo de tudo, há outras de nós que as desejam para o folclore das fantasias e para o encobrimento ridículo e camuflado da irracionalidade do estar.

De repente – ou terá sido assim tão de repente? – vamos aos esconderijos privados desta sociedade que dolorosamente ou não, recorre a proibições, enfatiza princípios, agrupa-os em tabus para defesa mínima de um certo decoro, ou, dando uma de evoluídas, parcelas outras há que embandeiradas na necessidade de se cortar de vez com a hipocrisia social, em nome do progresso e outras mais, arranham a ferida onde ela dói mais: as crianças e as adolescentes.

Não satisfaz mais a orquestrada exploração da candura das meninas europeias, a sedução das orientais, a instrumentalização das americanas do sul e do norte. Não. É preciso vir para mais perto. Temos uma juventude tão bonita que há que se retirar dividendos, transformando-as em objetos de gozo mais sofisticado, em produtos rentáveis. E por isso vamos, outros de nós, aos liceus, às escolas para envolver em collants e transparências e expô-las em fotos aos instintos dos curiosos de outros.

O negócio rende. Cada espiadela vinte escudos, diz-se. Dois rebuçados ao fim e ao cabo. Barato como nós, a nossa autenticidade, as ambições, os sentires, o orgulho e a existência. Dois rebuçados: o custo de uma espreitadela ao clandestino filmado das nossas crianças fêmeas.

A gargalhada forte de um grupo de meninas perturba-me de alegria, mas imediatamente olho para os lados com medo que algum fotógrafo, caçador de corpos, esteja por perto para um primeiro contato.

Desisti de querer ver mais. É o que a maioria faz, por cobardia, vergonha e secretos desejos que as coisas ruins deixem de acontecer.

Para depois ficam a luta, a briga e a denúncia. E as consciências tranquilizam-se com a promessa.

... À noite, na televisão, passou um filme sobre a prostituição infantil, em várias nuances. Eram crianças americanas. Podiam ser cabo-verdianas.

Era o primeiro dia do Ano novo de 1992. A primeira noite.

Dina Salústio, “Tabus em saldo” in *Mornas eram as noites*, Instituto da Biblioteca Nacional – Direção do Livro – Praia, 2002, pp. 49-50

CRÓNICAS DE DANIEL MEDINA

Este é o dia do professor

De entre muitos outros, dada a especificidade da sua profissão, este, serve para assinalar talvez mais um momento de reflexão.

Reflexão à volta da sua caminhada, em torno da sua história, os altos e baixos no seu estatuto, as reviravoltas provocadas pelas constantes alterações sociais, a perda de autoridade, a luta constante pela educação, a entrega à profissão, os constrangimentos diários encontrados na logística funcional e relacional, a felicidade ímpar de sentir que está a construir um país através da formação, naquilo que há de mais precioso – os seres humanos.

Muitas vezes, andamos à volta com pormenores, esquecendo-nos do essencial.

Gostamos de ouvir que muitos cumprem o seu dever e que são dedicadíssimos – e isso é verdade. Sabemos que alguns são, simultaneamente, pais, psicólogos, técnicos sociais, pedagogos, etc.,

Sentimos e vemos que muitos nasceram para serem professores de corpo e alma e que se entregam também dessa mesma forma. E muitos de nós, muitos sabem, sim senhor, que alguns professores marcaram a nossa vida para sempre.

Mas como diz um colega meu, outros caíram lá de pára-quedas e mesmo assim, não se entregaram. É pena porque é das profissões mais bonitas do mundo. É uma profissão, que tem o condão de despertar nos outros, novos acordares, novos sonhos, para de seguida, ensinar a voar, com os pés na terra.

Nesta profissão, podem-se construir homens, desenhar futuros, ou re-destinar vidas.

Através das palavras dirigidas directamente ao coração, pode-se lograr o encontro com as fantasias, levar à descoberta de coisas novas na cabeça e na vida quotidiana de cada um. Cada um aprenderá pela sua mão, pelos seus próprios olhos, a encontrar-se consigo, descobrindo a sua importância como ser humano.

Sócrates há milhares de anos, falando da importância dos professores já dizia lapidarmente, que eles deviam (ou o que achava que era mesmo o mais importante) era “ensinar os alunos a pensar”. Que cada um deles deveria aprender a desenvolver o seu próprio pensamento.

Urge que cada professor na contemporaneidade (nesta sociedade profusamente tecnológica) se postule, numa adaptação constante, numa interação despreconceituada com a comunidade, se apresente como um orientador. Um orientador na medida em que como todos sabemos, existem várias escolas paralelas, de aprendizagem e de formação sempre constantes, sempre ligadas, e com um poder desafiador.

Caberá ao docente de hoje, o conhecimento deste mundo novo, das novas linguagens, dos novos anseios, das angústias, dos novos desafios, novas profissões, traçando rumos novos na sua nova profissão. Nova, porque eternamente dinâmica. Ele deverá ir ao encontro dos alunos e não ao contrário. Terá de se sentir motivado a ponto de conseguir levar esse reflexo aos seus pupilos. Ele é o treinador, o director, o melhor amigo com quem se deveria contar.

Neste dia, paremos um pouco, meditemos, olhemos para cada um de nós. Sem acusar o outro, e façamos uma promessa bonita: eu vou, eu consigo ser melhor, eu consigo dar mais de mim se pensar nos outros, se estarão a fazer de igual modo o seu trabalho. Esta é uma questão de consciência individual. A vantagem – dizem os mais velhos e os mais realizados – é o espírito/sensação de missão cumprida, que faz com que alguns dos nossos antigos professores – aqueles muito especiais –, desenvolvem quase uma visível aura, e digam com um leve e doce orgulho: fui e sou professor.

Quem não gostaria de ser um professor assim?

Desculpem personalizar um pouco, mas ainda me lembro da elegância, da afectividade, dos ensinamentos, da doçura, da minha professora da 1ª classe. Dª Eduína, de seu nome. Preocupava-se e perguntava por cada um de nós, e mandava recados a querer saber se estávamos melhores – caso estivéssemos. Lembram-se do professor Baltasar Lopes? Nunca é de mais, falar dele como professor. Ainda ouço imensa gente a dizer com orgulho: fui aluno do Nhô Baltas. Felizardos.

E para os felizardos que abraçaram esta nobilíssima profissão – se quiserem Missão -, este vosso dia, tornem-no especial, para o futuro. Com as vossas palavras, gestos, referências, poderão mudar vidas e atitudes, para sempre. Não descurem por um só momento essa enorme responsabilidade, que foi depositada nas vossas mãos, ou seja, o futuro.

Mas, hoje é presente. Tornem este dia inesquecível. Brilhem, mas façam brilhar ainda mais os outros. Verão que vale e valerá a pena. É uma questão de dimensão da alma.

Daniel Medina, “ Este é do dia do professor”, in *Crónicas que a Vida conta: Pensem Nisso!* Gráfica Mindelo Limitada, Janeiro 2011, pp. 57- 58

Mais um Natal...

Acabámos de entrar num mês quase místico. É aguardado, ansiado e até venerado para alguns. Para outros, pode até trazer traços de alguma nostalgia, por arrasto de recordações menos boas do passado.

Mas o que interessa, é que está aí o Natal a bater-nos à porta, nos ouvidos, nos bolsos, na cabeça e no coração também.

Por estas alturas costumamos tornar-nos mais solidários. Será que alguma coisa desperta o ente de profundidade humana que habita esquecido dentro de nós? Bem, não interessa.

Só é pena que o espírito, o verdadeiro espírito do Natal esteja a ser esquecido, senão a ser trocado.

Os seres humanos por vezes, alienam e confundem um pouco as coisas. Se alguns valores, a tecnologia, a ciência e alguns pontos de vista se alteram – porque era necessário e aceitamo-los - as árvores, o mar, as montanhas, a luz, os pássaros e muitos outros, continuarão a sê-lo, sem mudanças de maior durante os próximos séculos.

No entanto, de há poucas décadas a esta parte, resolvemos alterar a mensagem simbólica e semiótica do Natal. Parece que a globalização atingiu também o olhar, os costumes, tradições e a fé das pessoas.

O que era uma reunião da família visando o fortalecimento dos laços, da fé, da interajuda entre as pessoas de forma desinteressada, como um abraço, um grande sorriso, a ansiedade e a alegria de vermos nossos entes queridos, traduziu-se em simples troca de

prendas. E ai daquele que se esquecer da prenda. E ai daquele que der um presente que não seja consoante o seu estatuto.

As crianças, já se aproveitam disso e pedem coisas sem valor afectivo, por vezes, com chantagem do tipo: “os meus amigos também têm”; ou “não dás porque não gostas de mim”. As candidatas/ou candidatos a um lugar no pódio, leia-se possível namoro sério, fazem questão de comparar as prendas. Será que quererá dizer, que aquele ou aquela que nos der a prenda mais cara é mesmo aquele/aquela que mais gosta de nós, ou aquele que mais disponibilidade financeira tem?

Mas voltando a outra prenda – como se diz, uma desgraça nunca vem só – o presépio, que antes simbolizava, união da família, solidariedade, humildade, relação com o meio natural – este foi substituído pelo Pai Natal. Nem se aproveitou bem a história do S. Nicolau – e ele nesta altura deve dar voltas nas nuvens, já que o caixão já aí não está. Mudaram as vestes do homem – que só queria ajudar os outros pela calada da noite sem dar nas vistas e, sem a televisão por perto – ainda bem que ainda não havia – e vestiram-no de vermelho e branco. E ele aparece todos os anos, por esta altura a vender alguma coisa, ou então a beber Coca-Cola. (ah, não se esqueçam que ele não pode beber mais nada senão é processada pela companhia. Se duvidam, vejam as campanhas promocionais pelo mundo inteiro a apelar ao consumo).

Disfarçadamente, ele vende o que o Outro simplesmente dá.

Os menos novos ainda se lembram do menino Jesus a colocar uma prenda debaixo do travesseiro? Isso reforçava a fé e o sonho de qualquer menino: se ele nasceu pobre e foi um rei, porque não havia também de sonhar?

A pergunta que se impõe é: o papai natal substitui mesmo o menino Jesus? Se assim for começo a compreender porque é que cada vez mais estamos mais distantes uns dos outros, menos preocupados com o nosso vizinho e semelhante, porque só devemos aparecer é no Natal, como o homem das barbas brancas.

Por essa altura do campeonato as criancinhas não iriam entender se não deixássemos o pai natal entrar pela chaminé – que nem temos. Já que ele aqui está vamos

conviver com ele mas, seria bom que contássemos as histórias como elas são. As histórias da alma contam-se com a alma e não com o tamanho dos presentes.

Dizem que o Natal é nascimento. Nascer é vida. Vida é alegria.

E se Jesus, o mensageiro nasceu ou não neste mês, se Papa que já lá vai alterou o calendário, se o mestre nem foi registado neste solstício, o que interessa mesmo é a mensagem que nos legou. O resto são pormenores de somenos importância.

Aproveitem este mês magnífico e estendam-no como uma passadeira ou um arco-íris pelo ano inteiro. Não sejamos solidários e bons somente neste mês. Se o fazemos em nome da fé, da cristandade ou dos valores humanos, talvez seja também altura de pensar que os velhos, crianças, mendigos, reclusos, doentes e outros, não precisam de carinho, alimentação ou outro apoio somente nesta paragem do ano. Façamos as pazes em Janeiro, vamos dar livros em Fevereiro, roupas em Março e Abril, poemas e sorrisos o ano inteiro, abraçar os desprotegidos da sorte sempre que nos for possível. É aí que mora a verdadeira génese do ser humano a que temos a honra de pertencer.

Já dizia o outro, que o Natal é sempre que o homem quer. Ou seja, é sempre que nós nos predisusermos a ajudar o nosso semelhante para o fazer um pouco mais feliz.

Que este primeiro de Dezembro seja o verdadeiro começo de uma etapa das nossas vidas, em que sejamos capazes de ter a coragem de ir ter com os outros que necessitam de nós e, não ficarmos à espera que eles se aproximem para lhes estendermos a mão. É aí que nasce o verdadeiro Natal em cada um de nós, ou seja, deixando que cada coração encontre o seu caminho no espírito do homem, na verdade do Natal.

Daniel Medina, “ Mais um natal”, in *Crónicas que a Vida conta: Pensem Nisso!*, Gráfica Mindelo Limitada, Janeiro 2011, pp. 78-79

De pequeno, dos pequenos que poderão ser grandes ...

Apetece-me começar pelo princípio, e embora o conceito de princípio possa estar imbuído de muitos significados. Queria mesmo era falar dos mais pequenos.

E, de entre, os pequenos gostaria de especificar mais um pouco e ir até aos que foram transformados em mais pequenos ainda, ou seja, os menos protegidos, ou seja, os mais carentes, ou melhor, os mais pobres do que nós, ou se quiserem aqueles a quem a vida não sorriu muito, ou então, aqueles que têm poucos motivos para sorrir para a vida.

Duas pequenas coisas concorrem para falar disso:

- 1) ainda adolescente tive a oportunidade de ler um dos romances de Jorge Amado esse pequeno-grande escritor brasileiro e que despertou o meu olhar para as crianças de rua num livro intitulado *Capitães de Areia*. Aprendi com ele a olhar com outros olhos para os mais necessitados e a compreender muitas das suas angústias, reservas, desconfianças e mesmo a parte de nos verem como os outros que têm os que eles não têm.
- 2) nasci num berço humilde que abriu desde cedo a minha percepção para as diferenças, ou seja, senti desde muito novo, que há aqueles que estão antes e há os que estão depois.

Ora, pelo caminho dos nossos dias, encontramos cada vez mais crianças que precisam da nossa ajuda. Um pedaço de pão, um olhar de compreensão - não de pena -, um gesto afectuoso, uma palavra de conforto e de esperança, senão de confiança. E, nesse caminho, pergunta-nos: “- Quem lhes liga?”

A propósito desta pergunta lembro-me de um poeta que ao escrever sobre crianças – abandonadas, de rua ou mesmo muito pobres – perguntava porque é que permitimos que as crianças nos peçam algo. Ele questiona de tal forma as nossas atitudes, que chega a perguntar se não temos vergonha de nunca termos tido a coragem de sermos nós a tomar a iniciativa de ir ter com elas.

Neste mundo globalizado em que dependemos uns dos outros, mais coisa menos coisa, e em que países longínquos se prestam a ajudar-nos a levantar o nosso país, sem nos conhecer de lado nenhum, porque não havemos de começar também cá em casa?

Se todos ajudarem um pouco que seja, decerto haverá menos carências e mais auto-estima, menos revoltas e mais compreensão, menos agressividade e mais cooperação, menos furtos e mais confiança, menos e mais outras coisas.

É certo que há muitas pessoas conscientes do nosso papel nesta sociedade e que cumprem a sua parte. E algumas estão sós.

Se Cabo Verde está a desenvolver-se mesmo, penso que chegou a altura de avançar no desenvolvimento das nossas consciências e atitudes, no sentido de nos oferecermos para ajudar os que estão menos avançados, como os outros fizeram connosco quando éramos um país menos avançado. Ironia do destino.

Como a vida é uma bola, e vamos tropeçando uns nos outros, neste redondo em que nos encontramos sempre, fica aqui um convite, se quiserem uma reflexão:

- 1) vamos parar de criticar e ajudar um pouco mais?
- 2) vamos ajudar o colega aí ao lado a levantar-se sem o julgar ou condenar?
- 3) vamos acreditar que só estaremos bem quando os outros também o estiverem?
- 4) vamos tomar iniciativas no sentido da solucionática – como diz uma colega minha – e não problematizar – dizendo ... ah, isto é complicado?
- 5) Por último, vamos parar de resmungar e de dizer que o homem desta crónica não está bem da cabeça, e que não conhece a realidade?

Para terminar, vamos todos sorrir depois de eu me despedir, e dizer: este tipo tem razão. Eu sou mesmo capaz de poder fazer algo mais pelos meus semelhantes.

Da minha parte, afianço que não vou ter vergonha de me dirigir aos outros e demonstrar com humildade que quero colaborar, quero ajudar. Só terei vergonha se tiver vergonha de não ter tido coragem para ter coragem de ir em frente.

Cuidemos pois dos nossos pequenos, pois serão os homens desta terra, amanhã... e também o reflexo das decisões que tomarmos hoje.

Foi mesmo preciso coragem, para ouvir ou ler tudo isto. E se o tiveram, é porque conseguem fazer melhor do que isto. Garanto que terão um dia feliz e muitos outros poderão vir por aí ...

Daniel Medina, “ De pequeno, dos pequenos que podem ser grandes”, in *Crónicas que a Vida conta: Pensem Nisso!*, Gráfica Mindelo Limitada, Janeiro 2011, pp. 61-63

Em diálogo, pelo diálogo e com o diálogo

Pelo caminho dos séculos e até dos dias, muitos altos e baixos têm tido por base a falta de diálogo. E essas são estórias de barbas brancas e longas que nos levam a pensar que não temos aprendido muito neste percurso vivencial.

Com efeito, se analisarmos bem, as guerras entre nações têm na sua origem diferenças, e incompreensões, que não conseguiram ser resolvidas pelo diálogo.

Os conflitos tribais poderiam ser solucionados se os elementos de cada lado se tivessem entrado pela via da conversação.

Nos empregos, por vezes, as pessoas são despedidas sem uma segunda oportunidade, simplesmente, porque não houve troca de palavras, ou melhor, não comunicaram da melhor forma, ou seja, não houve concertação.

Nas escolas continua-se a ensinar a todas da mesma maneira sem se pensar nas desigualdades, nas diferenças, nas experiências e competências adquiridas de cada um, com saldos de insucesso relativamente alto porque o diálogo entre os pares não é valorizado.

No plano conjugal os relacionamentos não correm da melhor forma, ou se quiserem na sofrem melhorias porque falta o essencial: o diálogo.

Com os filhos há pouca conversa, não há esforço para verberarem os seus sentimentos, pensamentos, e passado algum tempo só existe distância, parecendo que não os conhecemos, porque o diálogo falhou.

O processo dialógico é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, relacional, laboral, produtivo, político, de tomada de decisões, de melhoramento de práticas, de comunicação e auscultação da opinião dos outros, para aferição do que andamos a fazer bem ou menos bem em relação aos outros.

A ausência ou a diminuição do diálogo em qualquer desses processos pode conduzir, a roturas sociais, a autismos desnecessários e a enclausuramentos nefasto para quem a pratica.

Infelizmente o ser humano tem tendência para se fechar e não para se abrir ao diálogo, em particular quando na situação permeiam mecanismos de poder ou contrapoder. De patrão para empregado, de marido para mulher, de professores para alunos e outros muitas escalas.

O diálogo fortalece e enobrece quem o estimula e o pratica. Ele apresenta-se como um bálsamo para o nosso próprio desenvolvimento, pois permite-nos descobrir o quanto, por vezes, estamos errados, acerca de algum aspeto, ou faz-nos ver que existem outros pontos de vista iguais, diferentes ou melhores do que os nossos.

O diálogo ensino-nos também a apreciar as opiniões dos demais e aprender a aceitar que os contributos dos outros podem ser valiosos e relevantes tanto para o nosso sucesso pessoal, tanto para a nossa estabilidade emocional, como também para a eliminação de mal entendidos impeditivos da resolução de conflitos.

É caso para se confirmar que diálogo nos permite desfazer equívocos, fortalecer amizades, resolver conflitos, aprender mais e melhores sobre os fenómenos sociais que nos circundam, conhecer os pensamentos dos outros e dar-nos igualmente a conhecer.

Essa forma de comunicação bilateral é tão salutar que os conflitos entre casais, entre nações, pais e filhos, políticos, meios laborais e entre amigos e pessoas comuns, que muitos problemas poderiam ser de fácil resolução, se conversássemos mais e ouvíssemos mais os outros.

No dia em que isso for possível – e você pode começar hoje mesmo – resolverá muitos dos seus problemas; contribuirá para um país mais dialogante; será um melhor carpinteiro, pedreiro, canalizador, enfermeiro, empresário, ou vendedor porque se deu ao luxo de se abrir aos outros; terá melhores relações em casa no trabalho; os seus filhos apreciá-lo-ão mais porque teve a capacidade de pelo menos os escutar mesmo não concordando com eles.

Desempenhamos melhor as nossas funções se cada um de nós for capaz de dialogar com os outros de forma inteligente e responsável, sem manipulações, valorizando a opinião dos outros, explicando e comunicando as decisões que pretendemos tomar.

Quando as dúvidas povoam as nossas mentes; quando não temos a certeza de que estamos no bom caminho e mesmo quando nos parecer estarmos no caminho certo; quando estamos ao serviço de organizações, instituições, associações, comunidades; quando trabalhamos com pessoas;...o aconselhável é a prática do diálogo mesmo quando as opiniões são aparentemente divergentes.

É através do diálogo que ficamos muitas vezes mais e melhor esclarecidos.

- se houvesse mais diálogo, talvez não tivesse havido tantas guerras no mundo:

- se houvesse mais diálogo, haveria menos inimizades, interpretações erróneas e incompreensões;

- se houvesse mais diálogo, haveria menos decisões erradas e aprenderíamos muito mais com os outros;

- se houvesse um pouco mais de diálogo, talvez houvesse menos injustiças, menos divórcios, mais sentido de responsabilidade e de cidadania.

Enfim, parece que *Diálogo precisa-se* um pouco mais em quase todos os sectores da nossa sociedade.

Daniel Medina, “ Em diálogo, pelo diálogo e com o diálogo”, in *Crónicas que a Vida conta: Pensem Nisso!*, Gráfica Mindelo Limitada, Janeiro 2011, pp. 91 -93

O Dia Da Terceira Idade

Na semana passada, assinalou-se o dia da terceira

Idade. A rádio fez um trabalho meritório. Uma abordagem construtiva. Um olhar valorativo. Parabéns.

A reportagem serviu para nos lembrar de forma indireta que esse dia – o dos menos novos - deveria ser alargado por todo o ano. Não nos esqueçamos que foram eles – que bem ou menos bem – plantaram ou construíram quase tudo o que há por aí.

Ora a compreensão do envelhecimento transformaram a velhice num momento feliz ou verdadeiro naufrágio. O desafio do século XXI não será dar tempo ao tempo, mas dar qualidade ao tempo. A velhice bem sucedida está associada à reunião de três grandes categorias de condições. A primeira é a reduzida probabilidade de doenças, em especial as que causam perdas de autonomia. A segunda consiste na manutenção de um elevado nível funcional nos planos cognitivo e físico, o que por vezes se denomina por “velhice ótima.” A terceira é a conservação de um empenhamento social e do bem-estar subjetivo.

No que se refere a esta última, entende-se como fundamental à participação social, isto porque, dá-se a manutenção e é uma prática das atividades produtivas. Segundo afirma Cameron (1975), os sentimentos de felicidade, de tristeza e bem estar subjetivo não se degradam com a idade e os idosos não têm uma satisfação de viver inferior à dos jovens.

A variabilidade entre os indivíduos parece, pelo contrário, aumentar com o envelhecimento. Vários estudos, nomeadamente aos que se referem ao de Durkheim (1897), Antonuci (1989), e Avron (1982), concluíram que o isolamento é sim, um fator de risco para a saúde; os apoios sociais de natureza emocional ou instrumental podem ter efeitos positivos na saúde.

A solidão e o isolamento são fenómenos muitos frequentes quando chegamos a idosos, podendo ser considerados como o mau funcionamento das relações sociais, quer da

família quer do grupo de amigos no qual o idoso se insere. Este sentimento de solidão surge como a falta de uma relação necessária e não propriamente devido ao fato de se estar só.

Ora, um dos pontos fortes das pessoas da terceira idade no qual se deve pensar é a sua participação social, precisamente entre a relação com o tempo ligado à sabedoria que é própria da maturidade serena. É portanto fundamental que os idosos sem empenhem numa qualquer atividade social produtiva para que não se sintam inúteis.

Num mundo que perdeu os seus modelos de socialização e de comportamento, outrora considerados estáveis e seguros, a vida passou a ser encarada como uma luta constante pelo emprego, pelo êxito pessoal e profissional, pelas condições de bem estar da família, pela atualização permanente em termos de informação e pela posse de bens de consumo, considerados imprescindíveis à manutenção de certos padrões de vida. E tudo isto, sem perder a energia, a saúde e a beleza, de acordo com o ideal de juventude requerida por uma sociedade ferozmente competitiva e narcisista.

As extraordinárias oportunidades de desenvolvimento abertas pelas novas tecnologias de nada servirão se não sacrificarmos da lição pela mão, pelo olhar, pelo gosto, pelo afeto e pela palavra de quem pode, pessoalmente, dar testemunho de uma vida, de uma experiência e de um conhecimento.

Acreditamos que o verdadeiro sentido da vida está muito para lá do prazer proporcionado pelas coisas do mundo. O amor à vida ganha sentido através dos encontros e dos laços que nos aproximam de outras pessoas. O mundo não é apenas a nossa casa. Nele habitaram, habitam e continuam a habitar (pelo menos assim o desejamos) outras vidas. E é na experiência de relação, de encontro, de solidariedade e de responsabilidade em relação a essas outras vidas que vai construindo a nossa identidade humana.

Na vida é necessário aprender, educar, porém, antes de mais é uma arte de encontro e comunicação destinada a provocar junto de outros, relações positivas com a vida. Ou seja, relações positivas com as pessoas, com a história, com os espaços, com a leitura, com as regras da sociedade, etc. Seja na infância, na adolescência ou na idade adulta, seja em contexto escolar ou extra-escolar, só se educa verdadeiramente quando tocamos o outro, quando sentimos as emoções do outro, ao ponto de conseguirmos despertar nele a vontade

de aprender, dispendo-nos a percorrer o caminho do esforço, da disciplina, da paciência, da serenidade exigidos pela aventura do conhecimento.

Os idosos precisam, e merecem, um olhar e uma outra atitude por parte da sociedade, mas uma sociedade mais justa, mais solidária e mais humanista que precisam também dos idosos, da sua participação empenhada, da sua lição de vida e do testemunho da sua serena e sábia maturidade.

E por vezes, só pedem um pouco de atenção. Ou então, que não nos esqueçamos deles. Ou que deixemos participar das coisas do dia a dia. Um pouco de afeto, consideração, respeito e de humanidade, um pouco de compreensão da nossa parte ajudariam a equilibrar essas relações.

Ajudemos e permitamos que vivam na alegria tudo a que têm direito. Dançar, cantar, amar, trabalhar.

Daniel Medina, “O Dia da Terceira Idade”, in *Crónicas que a Vida conta: Pensem Nisso!*, Gráfica Mindelo Limitada, Janeiro 2011, pp. 61-63